

## Dia das Letras Galegas

Número especial do "DM / Cultura"

Assinala-se depois de amanhã, 17 de maio, o "Dia das Letras Galegas". Trata-se de uma importante data para a Galiza, na medida em que, neste dia, desde 1963, ali se comemora anualmente o "ressurgimento" da língua galega como base da moderna literatura da Galiza. Neste dia está sempre presente, como figura tutelar da língua galega, a poetisa Rosalía de Castro (foi, aliás, no dia 17 de maio de 1863 que Rosalía publicou o seu importante livro "Cantares Gallegos"). Este ano estará em destaque a vida e a obra de Roberto Vidal Bolaño, dramaturgo (e ator).

Sendo a Galiza "irmã de Portugal", como afirmou o nosso poeta Teixeira de Pascoas, o "Diário do Minho" associa-se, este ano, à celebração do "Dia das Letras Galegas", dedicando integralmente este caderno cultural a esse tema. Para a elaboração deste número especial contamos com a contribuição do Centro de Estudos Galegos (CEG), da Universidade do Minho, e particularmente da Doutora Marisa Moreda Leirado, Leitora do CEG, a quem agradecemos o inestimável e imprescindível apoio que nos deu para esta edição. ▶

O editor

# Dia das Letras Galegas em 2013: A glória cénica de Vidal Bolaño



POR  
**XAQUÍN NÚÑEZ SABARIS**

DIRETOR DO DEPARTAMENTO  
DE LÍNGUAS ROMÂNICAS  
DA UNIVERSIDADE DO MINHO

A programação primaveril do Centro Dramático Galego (CDG) incluiu, entre as estreias mais salientáveis de 2013, o espetáculo *Dias sen gloria*, de Roberto Vidal Bolaño. A obra mais representada de um dos dramaturgos cuja presença foi mais marcante nos quase trinta anos de vida do CDG, e quem a Real Academia Galega honra este ano no "Dia das Letras Galegas". Vidal Bolaño (Compostela 1950-2002) foi um homem de e para o teatro, um cómico, como gostava de parecer e aparecer, um agitador social e cultural. Um compostelano que exerceu como tal, com tendência a uma certa melancolia existencial, cuja pegada bem se pode apreciar na obra referida. Uma glória, por vezes esquiva, que a brilhante trajetória

teatral e o justo reconhecimento póstumo parecem vingar.

Não podia ser, portanto, mais oportuna a escolha de Vidal Bolaño para comemorar o meio século de vida da efeméride das letras galaicas, uma vez que este dramaturgo combativo reflete como ninguém o processo de consolidação da cultura galega, desde os estereótipos da ditadura até aos alvares do presente século. Por razões geracionais, a sua figura não encaixa no perfil dos que até agora foram homenageados pela instituição. Neste lapso de tempo, a lista dos escolhidos incluiu, em grande medida, as figuras mais consagradas pela historiografia literária galega: desde os escritores do "Rexurdimento" até aos renovadores da narrativa do pós-guerra, passando pela "Xeración Nós". Mas, também, porque, diferentemente de muitos dos já homenageados, não estamos simplesmente perante um autor ao uso, já que Vidal Bolaño não só cultivou a escrita dramática, mas também foi um homem duma extensa atividade cultural, vinculada a quase todos os campos profissionais das artes cénicas: a direção, a atuação e a produção. O reconhecimento do amplo desempenho põe em relevo que, se a literatura cumpriu tradicionalmente como eixo central da atividade cultural galega e como referente identitário, esta referencialidade, como atividade aglutinante, está a ser ampliada a outras expressões artísticas e criativas, como a música ou as artes cénicas, que partilham a hegemonia tradicionalmente ocupada pela literatura.

Consequentemente, é no contexto das artes cénicas onde adquire uma dimensão notória o reconhecimento a Roberto Vidal Bolaño, outorgado na edição das "Letras Galegas" deste ano. Porque, sendo, como já foi dito, um homem de teatro na sua essência, manifesta uma condição polifacética que, desde o teatro até ao cinema, passando pela televisão, fez com que atingisse todas as facetas que a indústria cénica e audiovisual procura: dramaturgo, roteirista, ator, dobrador, diretor, produtor e empresário. Esta trajetória de lon-

go alcance é, além do mais, indissociável do processo de abertura cultural originado no pós-franquismo e que se consolida no período democrático, com especial energia e emergência na década dos oitenta. Vidal Bolaño integra o que se denominou como "Xeración Abrente", já que era um dos dramaturgos que se iniciaram como tal no Festival de Teatro de Ribadavia, que, desde 1973 até 1980, organizou a associação cultural "Abrente" e que supõe o ponto de partida que viria a desenvolver-se mais tarde. Até esse período, o



teatro galego caracterizava-se pela insignificância e dispersão, mas a atividade teatral de Manuel Lourenzo, Euloxio Ruibal ou Manuel Guede – além do próprio Bolaño – inverteu esta situação e abriu um caminho que deu lugar ao teatro profissional na Galiza, inexistente até aquele momento.

Portanto, o teatro que se produz neste período está muito vinculado ao certame de Ribadavia e ao pulo que aos poucos vai surgindo pelo aparecimento de novos dramaturgos, a criação de companhias de teatro independente, para, mais tarde, se converterem em profissionais, constituindo uma indústria teatral própria. É o caso, entre outras, da companhia "Teatro do Antroido", mais tarde convertida em "Teatro do Aquí", criada em 1974 por Vidal Bolaño. Este contexto de efervescência cultural, a partir dos anos 80, vai contar com o apoio institucional e, deste modo, em paralelo – aliás, seguindo esta estela – surgem as companhias públicas que vão contribuir para assentar as indústrias criativas. De modo muito singular, o Centro Dramático Galego (CDG), em 1984, ao qual a figura que glosamos estará muito ligada (o CDG praticamente estreou-se com "Agasallo de sombras", escrita e dirigida por Vidal Bolaño), e, em 1985, a Compañía de Radio Televisión de Galicia (CRTVG), que estimulou a escassa iniciativa cinematográfica e audiovisual em galego e acolheu um amplo leque de séries televisivas de criação autóctone. É preciso referir esta interseção entre teatro e cinema – ou televisão –, porque a dramaturgia de Vidal Bolaño incorpora frequentemente à escrita teatral empréstimos do cinema ou da televisão. E também porque o polifacético percurso antes referido significa-se pelo ativo papel que Vidal Bolaño desempenha no audiovisual galego. Por exemplo, como o professor Don Xosé Luís, em "Sempre Xorxa", filme que ficará na memória coletiva por ser a primeira longa-metragem em galego, estreada também nesse ano de 1985. Para não falar de uma das séries mais célebres da televisão galega, "Mareas vivas", em que participou em vários capítulos como um dos atores do elenco ou, por outro lado, do seu labor como dobrador para o galego de filmes e séries de televisão americanas. Voltando ao teatro, atividade a que se dedicou criativa e profissionalmente, desde que em 1978 foi despedido do banco em que trabalhava, tornando-se numa figura central na história da literatura dramática galega. Sem

## Homenageado em 2013 no "Dia das Letras Galegas"

# Quem foi (é) Bolaño?

O ator e dramaturgo galego Roberto Vidal Bolaño – homenageado em 2013 no "Dia das Letras Galegas" –, nasceu em Santiago de Compostela em 1950 e faleceu na mesma cidade em 11 de Setembro de 2002. Iniciou-se no universo do teatro com o grupo "Antroido", com o qual representaria as suas primeiras obras. Com o grupo "Antroido" participou nas "Amostras de Teatro Abrente de Ribadavia" (1973-1980), nas quais se revelou também como dramaturgo e cenógrafo (com o pseudónimo de Julia Brens). Vidal Bolaño foi um dos maiores artifices da profissionalização do teatro galego. Depois de ser despedido, em 1977, de um emprego bancário, este dramaturgo trabalhou para converter o grupo "Antroido" na primeira companhia teatral galega. Foi também um dos primeiros diretores do teatro institucional, levando à cena (com o Centro Dramático Galego), em 1984, a sua obra *Agasallo de sombras*. Cultivou, além da arte dramática, o audiovisual, realizando roteiros para a Televisão da Galiza e para a Televisão Espanhola. Levou ainda a "pantalha" contos de grandes escritores galegos do século XX, como Ánxel Fole (*Cara de Lua*) e Eduardo Blanco Amor (*O Noxo*), e chegou mesmo a participar como ator em várias séries televisivas de prestígio. Em 2001, representou, com o Centro Dramático Galego, a peça *Rosalía*,



que Ramón Otero Pedrayo escrevera em 1958. As suas últimas atuações foram no grupo "Teatro do Aquí", a sua companhia nos últimos anos de vida.

A obra de Roberto Vidal Bolaño está marcada pela estética da derrota e pela crítica da modernidade. Talvez influenciado por Ramón Otero Pedrayo, defendeu uma certa recuperação do "popular". Cultivou igualmente, como

Otero, o teatro histórico, designadamente ao redor da figura de Rosalía de Castro, obras que constituem verdadeiros ensaios sobre a vida e obra da autora de *Cantares Gallegos*. Porém, uma das suas maiores influências foi o teatro de Valle-Inclán, a quem menciona várias vezes ao longo da sua obra. As suas peças dramáticas recolhem e misturam as correntes estéticas do realismo, simbolismo, surrealismo e expressionismo. Da sua obra teatral destacam-se *Laudamuco, Señor de Ningures* (1976); *Bailadela da morte ditosa* (1980), *Agasallo de Sombras* (1992), *Dias sen Gloria* (1992), *Saxo Tenor* (1993), *As Actas Escuras* (1994), *Rastros* (1998) e *O Dia que os Chifanos Deixaron de Zoar*. Apesar da sua curta existência, Roberto Vidal Bolaño foi galardoado com diversos e importantes prémios.

**Victor Blanco**

Braga, maio de 2013.

renunciar ao cenário galego que impregnou toda a sua obra, incorporou o magistério dos grandes do teatro universal: Ionesco, Beckett e Valle-Inclán, e conseguiu integrar nos códigos teatrais linguagens que provinham do cinema, nomeadamente de diretores como John Ford ou John Huston, como se aprecia nas reminiscências que *Dias sen gloria*, a sua peça mais laureada e representada, guarda com o *western* ou com o filme "The African Queen", a partir duma trama peregrina, absurda e grotesca, que obedece aos referentes dramáticos mencionados. Esta integração de modernidade e tradição, sem renunciar jamais ao universo galego – cénico e contextual – caracterizou a sua escrita. Os primeiros textos, "Laudamuco, señor de ningures" e "Ledaifas pola morte do meco" (1977), apresentam uma explícita preocupação pela situação política e social da

Galiza no pós-franquismo. Estreadas ambas as obras na Mostra de Teatro de Ribadavia (a primeira seria premiada na 4.ª edição, de 1976), que nasceu associada a uma evidente vontade reivindicativa a partir do teatro, os textos mostram esta sintonia sócio-política com o certame. Ambas as obras estão vinculadas ao discurso nacionalista e anti-burguês que se articula nos primeiros anos da democracia. A forte dimensão simbólica e alegórica denuncia as tensões opressor-oprimido, tanto em termos territoriais – o povo galego – como sociais (explorados-explorados). E ambas apontam aspetos que nunca abandonará na sua escrita dramática: o absurdo e o grotesco. "Bailadela da morte ditosa" (1980), também premiada em Ribadavia na edição desse ano, apresenta uma certa transição que se irá consolidar na obra mais recente.

Sem perder o carácter de reivindicação política, aparecem as personagens que habitam a marginalidade e as esferas esquecidas pelo poder, como vai referendar posteriormente em "Saxo Tenor". Portanto, o idealismo e alegoria política refletidos nas duas obras predecessoras, tornam-se agora num teatro da resistência, que representa os conflitos sociais e culturais subjacentes às sociedades contemporâneas. Por exemplo, em "Cochos" (1988), onde leva ao cenário a posição degradada dum emigrante galego na Alemanha, enfatizando a crítica aos grandes discursos dos média e evidenciando os filtros parciais que silenciam verdades incómodas. Este período inicial vai dar lugar às obras de maior reconhecimento institucional (prémios, publicações) e cénico (representações, nomeadamente no CDG), que situam Vidal Bolaño no cânone

dramático galego. É o caso da obra "Saxo Tenor", cujo texto recebe, em 1991, o Prémio Álvaro Cunqueiro; em 1992, é estreada e, em 1993, publicada. Nesta obra aparece já a personagem coletiva – frequentemente de condição marginal e grotesca – e, com empréstimos do género policial, vai abordar, a partir dum feito episódico (a morte dum rapaz no bairro), aspetos mais globais que mostram os mecanismos abjetos das relações sociais. Mas é com "Dias sen gloria" (1992) que se consagra além das fronteiras galaicas, já que obtém nesse ano o Prémio Rafael Dieste e, em 1993, fica como finalista do Prémio Nacional de Literatura Dramática, de carácter estatal. Em "Dias sen gloria" aborda a temática do Caminho de Santiago, com uma trama onde abundam pícaros, prostitutas e mendigos. Homenagem evidente ao Valle-Inclán de "Romance de lobos" ou "Divinas palabras", recolhe o absurdo de "à Espera de Godot", para não falar dos empréstimos com os filmes americanos antes mencionados. Uma prostituta que se quer vingar de quem a deixou grávida e fugiu sem pagar os serviços, um velhote bêbedo – sem nome – que ganha a vida fazendo o Caminho – ainda que desta vez aguarde um milagre do Apóstolo para que ressuscite a dona morta – percorrem um caminho atestado de personagens da periferia social e que termina com uma luta abaixo do sol e uma morte de heroísmo grotesco, banhado pelas ondas do mar finisterraico.

Seguirá ainda Vidal Bolaño a senda da temática compostelana com a obra "Actas escuras" (1998), que obteve o 1.º Prémio do Concurso de Obras Teatrais Inéditas "Camiño de Santiago". No texto, ambientado na tradicional disputa ciência-religião do século XIX, aborda-se a investigação sobre os restos do Apóstolo Santiago. A peça foi representada, como homenagem póstuma ao autor, em 2010, pelo Centro Dramático Galego. Portanto, a temática compostelana e a "viagem" como símbolo fecham, como círculo simbólico, o percorrido teatral deste escritor e conformam um espelho simétrico deste criador de comédias, nascido e falecido em Santiago de Compostela, cuja homenagem evidencia o seu lugar como uma das figuras centrais da história da literatura dramática em galego. Um 17 de maio, "Dia das Letras Galegas", que, neste caso, evidencia a glória cénica do dramaturgo, do cómico, do homem de teatro. ▶

Braga, UM – Maio de 2013